

Nesse primeiro número da *Diaphonía*, em 2019, a Revista entrevista o Professor e Psicólogo Clínico Ricardo José Perin do Curso de Graduação em Filosofia da UNIOESTE. A Revista, desde já, agradece o aceite do convite pela participação especial nessa edição.

D [Diaphonia]

RJP [Ricardo José Perin]

D – O senhor poderia reconstituir um pouco sobre sua biografia, formação e o que motivou o interesse pela Filosofia?

RJP – Inicialmente agradeço a revista *Diaphonía*, representada na pessoa do amigo e colega Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva, pelo gentil convite a esta entrevista. Esta provocação de reconstituir uma biografia e, portanto, falar na primeira pessoa me permite evocar uma história de um percurso de formação. Fazer uma espécie de percurso biográfico sobre a origem do interesse por um determinado tema, no caso, aqui, Filosofia articulada à Psicologia, sempre nos coloca frente a uma escolha de caminho a ser percorrido.

Partirei da minha posição de psicólogo e de professor, caminhando em uma direção regressiva para, em uma perspectiva temporal, apresentar um entrelaçamento entre passado, presente e futuro. Através deste percurso temporal pretendo apresentar o delineamento da constituição da força motivadora, sempre presente na busca de cada ser humano, a partir das situações concretas e que definem a estrutura de uma formação. Porém, essa estruturação nem sempre se dá em um plano consciente, pois somos seres perpassados pelo desejo. Talvez uma oportunidade como esta permita adentrar um pouco no desafio hermenêutico, pois, se cada um de nós é portador de sua mensagem, o debruçar-se sobre o passado para interpretar os fatos históricos que nos circundaram realizar tal desafio, permite-nos um certo entendimento do presente.

Comecei minha experiência de trabalho, por volta dos treze anos, como aprendiz de relojoeiro. Aos quinze, já consertava relógios. Foi o início do debruçar-se sobre a importância do movimento do tempo, tanto do ponto de vista objetivo quanto do ponto de vista da constituição da subjetividade. O contato com a dinâmica de funcionamento do mecanismo do instrumento que marca o tempo proporcionou-me a primeira experiência com a dimensão da precisão. A palavra precisão, aqui, tem um duplo sentido. Um primeiro sentido é o de exatidão, pontualidade. Há um jogo de palavras que sempre me acompanhou, mas que tomei conhecimento por ser relojoeiro, e que só hoje consigo atinar a sabedoria nas suas entranhas: “Relógio que atrasa não adianta”. Aí está presente o primeiro sentido de

precisão, a pontualidade. O segundo sentido de precisão é o de coisa útil, aquilo que é necessário ao homem. No caso, trata-se da importância deste instrumento marcar a hora certa, o tempo correto, pois, do contrário, não tem serventia para a orientação do ser humano. Hoje sei, como psicólogo, o quanto a existência é um movimento no tempo e do tempo e que, a forma de cada um situar-se nele e de orientar-se por ele, pode engendrar conflitos que determinam as mais diferentes psicopatologias.

Retornando às experiências com a máquina do tempo, devo dizer que, conjuntamente com a incipiente prática profissional, tomei contato com a teoria do funcionamento da mecânica, através da mecânica de Newton, nas aulas de Física do primeiro ano do ensino médio. Com isto, tive a oportunidade de vislumbrar a articulação entre a teoria e a prática. O conhecimento científico me permitiu entender, de maneira objetiva, que o segredo que habitava aquela sequência de engrenagens que produzia um coração oscilatório e proporcionador de precisão, era fruto de um cálculo preciso. Esse vislumbrar, esse ver mecânico-fenomenológico da articulação teoria-prática me permitiu perceber o quanto isso era fundamental no processo da aprendizagem, sendo uma das grandes contribuições para orientar a minha prática de futuro professor. Também é importante ressaltar que, para aprender a profissão de relojoeiro, foi necessária uma observação atenta da ação de outra pessoa que possuía experiência e conhecimento sobre o assunto. Isso evidencia a importância da presença do outro, enquanto fonte de imitação, no processo de aprendizagem. Fato que, evidentemente, só fui me dar conta ao me defrontar com as teorias de aprendizagem e do desenvolvimento. Dentre as várias teorias é importante destacar a epistemologia genética de Jean Piaget, pois ela tem na ação um dos pontos centrais no processo de aprendizagem e, sobretudo, no desenvolvimento da construção do ser humano.

Provavelmente por ter sido um observador atento para entender o funcionamento do mecanismo marcador do tempo e, ao mesmo tempo, deslocando essa atenção às aulas de Física para entender a mecânica no sentido teórico-prático, foi o que levou meu professor de Física, José Zanchettin, a convidar-me para substituí-lo nas aulas do primeiro científico noturno. Assim, em 01 de setembro de 1973, comecei minha atividade de professor, tendo apenas concluído o ensino médio.

O aprendizado proporcionado pela profissão de relojoeiro, colocando-me em contato com a mecânica, com a precisão e com o cálculo, juntamente com a experiência de professor de Física, formou um amálgama propício para a escolha do curso de Engenharia Civil. Em 1974, ingressei no curso de Engenharia Civil da UEM. Desta forma, principiou a segunda experiência com a dimensão da precisão e do cálculo, introduzindo-me mais profundamente no horizonte da objetividade.

Em Maringá, tive a oportunidade de continuar a atividade de professor, enquanto cursava a Engenharia, em uma escola católica. Nesse ambiente, começou a desvelar-se uma nova perspectiva, a partir da religião, abrindo a possibilidade para pensar um horizonte para além da ótica da objetividade. É o momento de uma conversão, permitindo o insinuar-se da subjetividade pelo viés da religiosidade. Aliás, talvez esse tenha sido o momento de um ressurgir de valores, já inculcados através da educação religiosa familiar. Poderia arriscar a dizer que algumas pessoas fazem a experiência da religião já nos primeiros meses de vida, pois juntamente com o leite materno vai se incorporando a semente da religião. Essa ideia quer expressar a importância do vínculo materno na constituição das aspirações (*boulesis*) futuras da cria humana, pois a mãe é a figura fundamental para introduzir o ser humano na vivência amorosa que nos compromete com a alteridade. Em uma linguagem psicanalítica, trata-se do processo de constituição do desejo.

É no bojo deste movimento, em uma dialética existencial objetividade-subjetividade, que se engendrou a perspectiva vocacional religiosa que me fez abandonar o curso de Engenharia Civil e optar pelo ingresso na Companhia de Jesus, mais conhecida como os jesuítas. Foi por meio desse percurso que se abriram as portas para o encontro com a Filosofia, pois ela faz parte da formação do jesuíta. Foi esse processo conversivo que permitiu a transição de uma perspectiva de mundo centrada na objetividade, para uma perspectiva em que o fluir da vida se torna o verdadeiro objeto de observação (*physis*). Portanto, as certezas objetivas se transmutam em possibilidades para possibilidades que albergam o mais próprio do viver humano de cada sujeito, como diria Gilvan Fogel lembrando Kierkegaard. Pois, como já disse o poeta: navegar é preciso; ora, viver não é preciso.

A perspectiva cristã do mundo tem em si uma forma própria de viver a dimensão da temporalidade. É um tempo em que o presente nos compromete com um modo de ser, remetendo-nos, pelo vínculo do amor, a uma forma de relação com a alteridade, objetivando a construção de um mundo comum que se realiza plenamente num além. É o horizonte escatológico. Essa perspectiva do fluir da vida cristã permite a possibilidade da realização de si, perpassada pela realização do outro e com o outro, num compromisso mútuo de amor, cujo modelo está na relação trinitária. Portanto, essa ótica abre a possibilidade de constituição de várias formas de vínculos nas relações humanas. A vida religiosa vocacional se coloca de tal forma, que a relação com a alteridade tem uma perspectiva de amor muito peculiar, exigindo um amor exclusivo, o celibato. Nessa exclusividade, a possibilidade de vínculo amoroso com uma única pessoa é transmutada para o vínculo com a humanidade, exigindo, de quem opta pela vocação religiosa, uma dimensão sublimatória da afetividade. A renúncia dessa possibilidade de realização humana exige, do vocacionado, remeter ao fim dos tempos uma certa completude de realização. Portanto, é uma exigência de um modo de existir temporal desafiador.

Após quase três anos e meio de vida religiosa percebi que não daria conta de suportar tal desafio. É o momento de uma desconversão, mas, ao mesmo tempo, de uma nova conversão. Desta experiência de compromisso com a alteridade, proporcionada pela vida religiosa, brotou uma nova possibilidade de envio ao acolhimento do outro, a Psicologia.

Assim, em agosto de 1982, iniciei o curso de psicologia na UEM. Retomei minha atividade de professor, no mesmo colégio católico em que havia lecionado matemática, topografia, desenho arquitetônico e geometria descritiva, agora, porém, com um horizonte voltado às ciências humanas. Assim, juntamente com a equipe pedagógica, em 1984, decidimos implantar as disciplinas de Sociologia e Filosofia, das quais fui professor, provavelmente, sendo uma experiência pioneira à época. Concluído, em 1988, o curso de Psicologia, me transladei para Toledo, minha verdadeira terra natal, iniciando a atividade de professor na Facitol.

D – A sua trajetória também é marcada pela formação seminarística especialmente, pelo contato que teve com a obra de Henrique Cláudio de Lima Vaz que, aliás, fora seu professor. Que memórias essa relação intelectual lhe trouxe?

RJP – Minha vida no seminário iniciou em 1979, nos jesuítas, em Porto Alegre. Em 1982 fui para Belo Horizonte para iniciar o curso de Filosofia no Instituto Santo Inácio, onde se centralizou toda a formação acadêmica jesuítica do Brasil. Para ingressar na Filosofia, havia um vestibular que constava de uma avaliação escrita e de uma avaliação oral. O avaliador oral era Lima Vaz. Foi este o motivo de meu primeiro encontro com ele. A Lima Vaz coube a função de fazer a avaliação de todos os candidatos em conhecimentos gerais. Começamos a avaliação de um modo informal, através de uma breve história de minha vida antes do ingresso nos jesuítas. A partir disso, Lima Vaz decidiu que a avaliação versaria sobre conteúdos referentes aos estudos que já havia feito. Não fez nenhuma pergunta, apenas conversamos sobre temas ligados à Física e ao cálculo. Na medida em que a conversa transcorria, fui percebendo a grandeza da sabedoria daquela figura humana, aparentemente frágil em seu aspecto. Ele falava de Galileu, de Newton, de Leibniz de Fourrie com tal propriedade que, em alguns momentos, me produzia a sensação de ser um principiante. Foi nesse momento que entendi o verdadeiro sentido do que significa ser filósofo.

Ingressado na Filosofia, tive o privilégio de ter Lima Vaz como professor de história da filosofia. As suas aulas permitiam fazer uma experiência de viagem no tempo. Ao falar sobre as origens do pensamento grego como, por exemplo, o *eidós* platônico, produzia no ouvinte tal sensação de regressão, a ponto de permitir imaginar-se um espectador dos jogos olímpicos gregos, para entender o que significava ver para eles.

Outro momento marcante foi uma conversa com Lima Vaz como orientador de estudos. Disse, em alto e bom som, que para estudar Filosofia seria necessário saber grego. Acompanhando seu dito me estendeu uma cópia de uma gramática grega, juntamente com um evangelho de Marcos no original. Guardo com carinho o evangelho em grego, pois é uma lembrança viva do Pe. Vaz. A ele, devo as poucas palavras que sei de grego.

Estas são as memórias que guardo de nossa breve convivência, pois saí do seminário em final de maio de 1982. Portanto, meu contato inicial com a obra de Lima Vaz se deu mediante a escuta e de alguns textos. Porém, a presença mais significativa do pensamento do Pe. Vaz ocorreu através do livro *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. Em 1988, quando estive em Belo Horizonte para participar de um congresso da CUT, pois era vice-presidente do Sintemar (sindicato dos trabalhadores em estabelecimentos de ensino de Maringá), ocorreu o último encontro com o Pe. Vaz. À época fui agraciado, por ele, com o referido livro, que acabava de ser publicado, acompanhado de uma carinhosa dedicatória. Após concluir o curso de Psicologia fui fazer uma pós-graduação, na UFPR, em Psicologia Clínica e Psicanálise. Para fazer o trabalho de conclusão escolhi o tema de Ética e Psicanálise. O conhecimento da obra de Lima Vaz foi fundamental, pois me permitiu fazer uma aproximação entre ética e psicanálise. Foi a partir da leitura da fenomenologia do *ethos*, desenvolvida por Lima Vaz, que a articulação com a psicanálise se deu. A perspectiva do *ethos* designando a morada, a casa do homem, permitiu fazer a aproximação com a psicanálise por intermédio do dito de Freud, extraído do *Compêndio de Psicanálise*, de que o ego não é dono nem da própria casa. Pela ótica apresentada na fenomenologia do *ethos*, o homem, através do seu agir, é desafiado a dominar a *physis* para poder construir seu espaço próprio, sua morada. Portanto, o *ethos* brota desse agir constante, manifestando-se nos costumes e nos hábitos. Isso diz respeito ao comportamento que resulta de uma repetição constante dos mesmos atos, exigindo do homem um apropriar-se de um modo de ser que o vincula com a alteridade e, portanto, o vincula ao coletivo. Como dirá Lima Vaz: “O *ethos* como costume, ou na sua realidade histórico-social, é princípio e norma dos atos que irão plasmar o *ethos* como hábito (*ethos-hexis*). Há, pois, uma circularidade entre os três momentos: costume (*ethos*), ação (*práxis*), hábito (*ethos-hexis*), na medida em que o costume é fonte das ações tidas como éticas e a repetição dessas ações acaba por plasmar os hábitos”. Há, pois, uma circularidade dialética presente na relação entre o coletivo e o individual, exigindo de cada indivíduo um movimento de integração no coletivo para constituir-se como personalidade ética.

Como é sabido, Freud apresenta duas formas da conflitiva existência humana estruturar o psiquismo; ambas as formas ocorrendo na dinâmica temporal de convívio com a alteridade. A primeira, em 1900, através da estrutura de inconsciente-pré-consciente-consciente. A segunda, por volta de 1920, conhecida

pela trilogia Id – Ego – Superego. Nessa estrutura, a dimensão conflitiva pulsional ocorre de maneira intersubjetiva e intrapsíquica. Ou seja, a estruturação da personalidade se constitui pela história dos conflitos na convivência com o outro (intersubjetiva), bem como em um conflito no interior de si mesmo (intrapsíquico), na medida em que, a partir do Id, vão se constituindo as instâncias do ego e do superego, em um processo de desenvolvimento. É no interior desse horizonte constitutivo que Freud faz emergir a expressão de que o ego não é dono nem da sua própria casa. Podemos considerar, de maneira abreviada, com o risco de comprometer a profundidade da questão, que o processo de constituição de um indivíduo ocorre no interior de uma coletividade, a família. Essa é o espaço primordial onde emerge o indivíduo, sendo, portanto, jogado em um mundo cultural permeado de costumes (*ethos*). No entanto, para viver, em seu sentido mais pleno, o coexemplo, o mamar, a total dependência do outro cria um vínculo propício para, juntamente com a incorporação do alimento, incorporar valores; portanto, costumes. Assim, por exemplo, para eliminar o alimento, aprendemos a maneira correta, a maneira costumeira, de usar o penico. Daí resulta a expressão que transpõe o aprendizado do comportamento repetitivo, de origem biológica, para o aprendizado do comportamento fundamentado nos costumes: “não vá mijar fora do penico”. O que significa dizer que nosso agir (*práxis*) deve adequar-se ao convívio em comum, ou seja, integrar-se aos costumes (*ethos*) através da incorporação de hábitos (*ethos-hexis*). Trata-se de uma adequação ao mundo familiar, no qual fazemos a emergência; emergência essa enquanto brotar, vir à tona, mas, também, como contingência. Isso desdobra-se em uma dupla dimensão. Uma consciente e outra inconsciente. A dimensão consciente constitui a personalidade ética, o sujeito da razão, pois através da deliberação e da escolha o indivíduo apropria-se (*hexis*) de um hábito, integrando-o aos costumes e, possibilitando, dessa forma, a manutenção da tradição. A dimensão inconsciente constitui o sujeito psíquico, cindido pelo conflito existencial com a alteridade. Sabemos que Freud apresentou a origem do inconsciente como fruto de um processo de recalque, a partir de experiências dolorosas e desprazerosas, vividas em uma situação de abuso. Abuso, aqui, deve ser entendido como a intromissão de um mundo adulto, já carregado de significados, do qual a criança humana não tem capacidade de metabolizar. Essa incapacidade de metabolização dos significantes, nos introduz na experiência de um estrangeiro que nos invade, possibilitando a emergência do estranhamento e do inquietante. É o angustiante nos invadindo, o *Das Unheimlich* freudiano. Esse, porém, é o mundo concreto e familiar que cada um de nós habita (*ethos*). Foi isso que levou Freud dizer que o ego não é dono nem de sua própria casa. Essa é a experiência ética do sujeito psíquico, introduzindo-o em uma cisão irrecuperável, ocasionada pelo encontro com o desejo do outro e que nos introduz no desejo que nos habita, incorporando um outro, transformado em um eu, ou melhor, em um superego ou

ideal de ego. Isso nos transforma em um sujeito errante, tal qual Édipo, tendo que ir ao encontro do seu destino.

Esse breve histórico da articulação entre Psicanálise e Filosofia mostra um percurso que aconteceu, em grande parte, pelo encontro com o pensamento de Lima Vaz. E que repercute até hoje, pois, dando continuidade à pós-graduação feita na UFPR, ainda encontro-me com o desafio de aprofundar tal temática. Para dar continuidade ao tema, fiz parte do doutorado de Fundamentos y Desarrollos Psicoanalíticos, na Espanha, e que ficou inconcluso, mas que me permitiu a obtenção do título de Diploma de Estudios Avanzados, que me concede a formação de pesquisador na área de conhecimento de Personalidad, Evaluación y Tratamiento Psicológico. Um título equivalente ao mestrado, pois em alguns países da Europa tem a denominação de Diploma de Estudios Avanzados.

D – O que lhe levou fazer a passagem final pela formação em Psicologia?

RJP – Talvez a palavra conversão seja a mais apropriada para responder esta pergunta. Como sabemos, ela remete a uma mudança de direção, uma mudança de caminho. Como falei anteriormente, fui construindo um caminho profissional que me levou de relojoeiro, entendedor de uma atividade técnica-mecânica, para a Engenharia, cujo horizonte de ação é a aplicação objetiva do conhecimento. Já a atividade de professor de Física e Matemática proporcionou a abertura de uma mudança de direção, aproximando-me da dimensão da subjetividade. Sendo esta atividade praticada no âmbito de uma escola católica, a proximidade com a religião proporcionou o solo fértil à conversão religiosa, dando uma nova possibilidade de comprometimento com a subjetividade, agora no interior do seminário. Aqui, a subjetividade passa a ser significativamente entendida como uma relação com a alteridade, visando o bem do outro.

No seminário, tive a oportunidade de ler Erich Fromm, psicanalista vinculado à Escola de Frankfurt. Da leitura de Fromm, fui remetido ao pensamento de Herbert Marcuse, com quem Fromm rivalizava. O pensamento frankfurtiano abriu as portas para vislumbrar a articulação entre Filosofia e Psicanálise, através do casamento do pensamento marxista com o pensamento freudiano. Também tive a oportunidade de ler a tese doutoral de história de Martin Jay, *La imaginación dialéctica*. Isso me permitiu vislumbrar uma primeira perspectiva da psicologia, uma ciência capaz de ajudar a pensar os conflitos sociais. Assim, quando, em junho de 1982, saí do seminário, o curso de Psicologia se apresentou como uma nova conversão de compromisso com a alteridade, agora pautado em um horizonte científico, com uma possível articulação filosófica, para acolher o sofrimento humano.

D – Conte-nos sobre a sua experiência na UNIOESTE, enquanto instituição, desde sua fundação até sua consolidação.

RJP– Ingressei na Unioeste como professor colaborador, em 1989, quando ela ainda estava a caminho de sua constituição, sendo denominada de Funioeste-Facitol. Fui convidado a dar aulas em uma disciplina denominada de *Problemas sócio-econômico-culturais contemporâneos*, se não me engano, no curso de Secretariado Executivo Bilingue. Essa disciplina não faz mais parte do programa do curso, porém sua existência evidencia uma determinada ótica que predominava no momento da consolidação da universidade. Era, creio, uma perspectiva de pensar o momento histórico estrutural, articulando-o com o momento histórico conjuntural, próprio de uma universidade incipiente, procurando voltar-se à sua inserção regional, pensamento muito presente à época.

Em 1990, ingressei, através de concurso público, como professor de Psicologia. Na época, o curso de Filosofia tinha a disciplina de Psicologia, fazendo parte da formação que habilitava o aluno a ser professor desta disciplina no ensino médio. Todavia, me recorro, isso permitia um diálogo interessante entre a ciência psicológica e a filosofia, permitindo debater as diferentes aproximações feitas entre esses dois conhecimentos ao longo da história como, por exemplo, a Escola de Frankfurt. Hoje a Psicologia se reduziu à psicologia da educação, portanto, o contato com a Psicologia só é possível ao aluno da licenciatura.

Dentro dos debates de estruturação da universidade, composta por diversos campus, sempre houve um diálogo sobre as “vocações” de cada um. Nesses diálogos, ficou estabelecido que Toledo, por ser mais voltado à formação das ciências humanas, na época, abrigaria o curso de Psicologia. Estabelecido o combinado, abriu-se a inscrição para candidatos ao curso de Psicologia, cabendo a mim o futuro papel de coordenador do curso. Porém, Roberto Requião, recém eleito governador, ao assumir o governo em janeiro de 2003, não deu autorização de implantação do curso de Psicologia, juntamente com outros novos cursos que seriam implantados em outros *campi*.

D – O professor também foi coordenador do Curso de Filosofia, na UNIOESTE. Qual sua posição relativa à disciplina de Filosofia no ensino médio em face da atual conjuntura nacional? Quais as implicações do ponto de vista das políticas públicas?

RJP – Quando penso no modo como ocorreu a experiência civilizatória do Ocidente, a partir do mundo grego, tido como o berço da democracia e da Filosofia, imagino que podemos extrair daí um possível aprendizado. Tomarei como exemplo o surgir da palavra categoria, pois ela serve como uma espécie de paradigma para vislumbrar o movimento engendradora da sabedoria grega. Farei isso através de uma perspectiva etimológico-filológica, bem ao sabor do pensamento de Heidegger. Segundo a etimologia a palavra categoria deriva de *kata agorein*, que poderia ser traduzida conforme a praça, segundo o espaço público, segundo o tribunal, segundo o mercado público. Enfim, esses possíveis espaços públicos possibilitavam o encontro dos cidadãos para exercer o agir mais próprio do viver humano, a *práxis*,

segundo Aristóteles. É ela que liga os indivíduos entre si na partilha da palavra e dos atos que dizem respeito ao viver coletivamente. Portanto, a palavra foi o verdadeiro instrumento na determinação da construção do entendimento para os rumos necessários para o convívio em comum. O desafio, no entanto, consiste em suportar a ambiguidade própria da palavra, pois ela não garante uma univocidade. Assim, o modo de classificar as coisas necessárias e fundamentais para esse convívio, que é o mais próprio da palavra categoria, exigia o debate sobre o diferindo para se chegar ao entendimento. Portanto, a possibilidade de proposição de uma determinada causa de interesse comum, sustentada através argumentos que, também, segundo Aristóteles, derivariam de uma retórica, proporcionou esse modo de sabedoria fundamental que determinou a origem do Ocidente, a partir desse povo agonal, por excelência.

Decorridos tantos anos dessa experiência originária, hoje encontramos esta sabedoria fundamental, praticamente reduzida a uma profissão, no espaço público universitário. Portanto, a universidade passou a ter um papel preponderante para a formação de filósofos, mas confinada ao espaço de formação de mão-de-obra profissional. No contexto histórico em que a tecno-ciência, o mundo da técnica, ocupa a posição de principal produtora de conhecimento, a Filosofia passa a ser avaliada por esse viés, perdendo, no entendimento da grande maioria, toda a tradição histórica de produtora de uma sabedoria fundamental para o convívio com o diferindo. Entretanto, é importante que o saber filosófico se faça presente em outros espaços públicos, principalmente no espaço de expressão da palavra mais utilizado, as redes sociais, para que a população perceba a sua importância e deixe de se colocar ao lado de quem, por interesses ideológicos, apresenta uma suposta visão filosófica, tornando a terra plana.

D – Qual a sua perspectiva para área da Psicologia no país? Que desafios ela tem pela frente?

RJP – A Psicologia como ciência, desde sua origem, traz em seu interior um debate que a cinde em várias correntes. Inclusive há aqueles que não a vêem como um conhecimento científico. Quando se utiliza o critério epistemológico para dividi-la, tendemos a pensá-la a partir da ótica que a aproxima das ciências naturais, ou o critério que a aproxima das ciências humanas. Na prática, quando se pensa, por exemplo, em um tratamento clínico, ouve-se das pessoas que a corrente cognitivo-comportamental pode ser mais eficaz. O que permeia esse tipo de compreensão é um entendimento de que o conhecimento das ciências naturais produz mais resultados. Portanto, a ideia da produção, presente no mundo da técnica, gera esse tipo de visão que é predominante hoje, sobretudo pela influência do pensamento tecno-científico, fortemente enraizado no senso comum.

No horizonte das ciências humanas, encontramos, na Psicologia, a perspectiva hermenêutico-fenomenológica. Nela, a palavra emerge fundamentalmente como a

via de tratamento dos conflitos existenciais, gerados cotidianamente, e produtores do sofrimento humano. Os ditos conflitos existenciais devem ser pensados pelo viés da história. Uma história, constituída pelo temporal, que passa a ter um papel preponderante. Temporal, aqui, tem uma dupla dimensão. Uma primeira que remete ao nosso existir no tempo, constituído pelas dimensões de passado, presente e futuro. É um existir permeado e preenchido pela presença do outro, do qual não posso desvincular-me na busca de realização de um projeto de vida, tendo como horizonte a construção de um mundo que alberga um abrigo protetor. O projeto de vida se abre nas mais diversas possibilidades de constituição de mundo. Por ser a abertura um espaço de liberdade, existe a possibilidade de presença dos mais variados projetos, como, por exemplo, o das ciências naturais e ciências humanas. Dessa maneira, nos deparamos com a segunda forma do temporal, o tempo feio, a tempestade, o conflito. Assim, nos deparamos com o grande desafio do entendimento, só possível pela ação mais própria do humano, a palavra, o *logos*. Aí está o grande desafio que temos pela frente. Para dar um breve exemplo, tomo a descoberta do neurônio espelho, feita pelo neurocientista italiano Giacomo Rizzolatti. Essa descoberta, oriunda da produção científica, própria das ciências naturais, permitiu ter uma fundamentação para um conceito importante na Psicologia, a empatia. Como sabemos, a empatia é um processo de identificação em que o indivíduo se coloca no lugar do outro, tomando por base suas próprias ideias para compreender o outro. Aquilo que até então era uma especulação pode, a partir dessa descoberta, ser pensada como um fato, pois o neurônio espelho é o neurônio que permite realizar esse movimento de me colocar no lugar do outro. São aproximações deste tipo que se tornam fundamentais como, por exemplo, pensar a origem do autismo não apenas pela forma de relação com o outro e com o ambiente, mas também a partir de uma falta de tal neurônio. Isso é um exemplo da importância da articulação entre perspectivas epistemológicas distintas e do desafio que temos que enfrentar.